

## **ESTUDO DOS PRONOMES: ULTRAPASSANDO OS LIMITES DO LIVRO DIDÁTICO**

**Tânia Andrade Oliveira Santos (UFS)**  
[taninhaandrade22@hotmail.com](mailto:taninhaandrade22@hotmail.com)

**Maria Denise Oliveira da Silva (UFS)**  
[denisilvaoliver@gmail.com](mailto:denisilvaoliver@gmail.com)

**Nadja Souza Ribeiro (UFS)**  
[nadjasr@hotmail.com](mailto:nadjasr@hotmail.com)

### **Introdução**

O ensino de língua portuguesa foi alvo de muitas discussões ao longo das últimas décadas, principalmente no que se refere ao tratamento dado à gramática nas escolas. Muitos são os estudos que contemplam métodos, teorias, pesquisas e sugerem a quebra de paradigmas em relação ao ensino de português. Os percursos da Linguística Textual, as pesquisas da Sociolinguística e tanto outros têm contribuído para que as práticas de sala de aula sejam repensadas, reformuladas e muitos avanços já são significativos. Todavia, algumas práticas continuam arraigadas no cotidiano escolar ocupando boa parte dos trabalhos escolares, perpetuando-se não só pelas concepções de língua que ainda perduram nas escolas, mas também pelos materiais didáticos que permeiam as salas de aula, nesse caso especificamente o livro didático de língua portuguesa, que apesar de passar por um longo processo de triagens e avaliações, tendo como centro o PNLD, chega às salas de aula com uma roupagem nova, mas que ainda abriga práticas e conceitos ultrapassados.

Não se pode afirmar que o livro didático de português continua reproduzindo as mesmas práticas e teorias de décadas passadas, pois muitas mudanças já são visíveis. De maneira geral, hoje já encontramos nos livros didáticos abordagens sobre as variações linguísticas, os gêneros textuais, a linguagem multimodal, a gramática contextualizada, enfim temas frequentes nos estudos e pesquisas das últimas décadas. No entanto, por trás dessas abordagens ainda predomina uma concepção de língua, linguagem e gramática que privilegia a transmissão de informações, regras e juízos de valor sobre “certo” e “errado”, sem considerar o sujeito e suas relações historicamente construídas, tomando a língua fora do seu uso efetivo, desconsiderando, dessa forma, as diferentes formas linguísticas que se constroem nas relações sociointerativas. Essa concepção torna-se mais visível nas abordagens gramaticais, tanto em relação aos conceitos delineados no livro didático, quanto às escolhas das atividades propostas. Em alguns casos, há uma tentativa de abordar a gramática a partir de gêneros diversos, mas os textos acabam como pretextos para questões meramente classificatórias, que não consideram a reflexão sobre os diferentes usos linguísticos e ignoram o papel da gramática na construção dos sentidos.

Os estudos sociolinguísticos ao longo dos anos apontam para a heterogeneidade linguística, partindo do pressuposto de que a língua comporta formas linguísticas semanticamente equivalentes que estão sempre sujeitas a mudanças e, a partir desse prisma, propõem um ensino de língua baseado no tratamento da variação. A partir dessa

perspectiva, este trabalho, pautado numa concepção de língua heterogênea<sup>1</sup>, diversificada, resultante das práticas sociais e das interações entre os sujeitos, traz a análise de uma unidade do livro didático de português “Para viver juntos” (COSTA et al, 2012), 7º ano, a partir do conteúdo e atividades propostos para o estudo dos pronomes. Esse livro foi escolhido por ser objeto de nossa prática cotidiana, o que também contribui para uma autoavaliação. O objetivo da análise é observar as concepções de língua e gramática predominantes na obra, bem como os efeitos dessas escolhas no processo ensino e aprendizagem dos alunos. Durante as análises, serão propostas algumas modificações, ampliações ou sugestões na tentativa de contribuir com um ensino de língua que explore a gramática a partir dos usos linguísticos dos falantes, respeitando as variedades linguísticas, sem perder de vista a ideia de que é a gramática que rege os sentidos do texto.

Para fundamentar as nossas análises, utilizamos os aportes teóricos de Neves (2013), estudando a gramática a partir da reflexão sobre o uso linguístico, observando o real funcionamento da linguagem e os resultados de sentido que cada escolha do falante desencadeia. Embasamo-nos também nas pesquisas e estudos sociolinguísticos que corroboram a necessidade de um tratamento heterogêneo dos itens da língua e apontam para as variações linguísticas e os processos de mudança. No caso específico deste trabalho, interessam-nos as pesquisas referentes à entrada do “a gente” e do “você” no paradigma pronominal. Nesse campo, várias pesquisas trazem contribuições esclarecedoras, dentre as quais optamos pelos estudos de Freitag e Lima (2010), Freitag (2003), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004), Vieira e Brandão (2013). As concepções de língua e gramática discutidas ao longo desse trabalho, partem dos pressupostos teóricos de Faraco (2008), Franchi (2006), Koch e Elias (2013).

Procuramos, neste trabalho, levantar discussões a respeito do livro didático de língua portuguesa, não no sentido de desqualificá-lo como instrumento de ensino aprendizagem, mas com o intuito de ampliar o seu potencial educativo a partir de atividades que tenham como objeto de investigação a reflexão sobre os diversos usos linguísticos resultantes das interações e produções dos sujeitos, sem perder de vista a necessidade de garantir ao aluno o acesso às variedades socialmente prestigiadas. No caso específico do estudo dos pronomes, a ênfase recairá sobre atividades que envolvam o paradigma pronominal centrado nos usos linguísticos, não a partir da mera substituição de uma forma por outra, mas oportunizando ao aluno o conhecimento dessas variedades em contextos distintos, destacando ainda as funções referenciais dos pronomes, como entidades fóricas que atuam na composição da tessitura textual, também responsáveis pelas produções de sentido.

## **1. Análise da proposta do livro didático de Língua Portuguesa**

O livro didático é uma importante ferramenta de trabalho para o professor, mas é essencial que este o tenha apenas como ponto de partida para seu trabalho, não como um manual que deve ser seguido sem restrições ou sem possibilidades de ampliação. Considerando-se isto e partindo do pressuposto de que o livro didático seja somente um ponto de partida para a abordagem dos conteúdos, faremos uma análise da abordagem sobre pronomes no livro didático de língua portuguesa do 7º ano “Para viver juntos: português”, da Edições SM. Os autores abordam os pronomes pessoais, de tratamento e

---

<sup>1</sup> No livro Sociolinguística, Freitag e Lima (2010, p. 13) apresentam um quadro comparativo de correlação entre as concepções de linguagem, língua e gramática.

demonstrativos como revisão, pois estes foram abordados no livro do 6º ano. Eles iniciam a apresentação da categoria pronome com uma tira a fim de ambientar os alunos com o conteúdo, fazem alguns questionamentos, mas a observação que fazem depois, “As palavras *outros* e *aqueles*, que aparecem na tira, são pronomes” (COSTA et al., 2012, p. 56) demonstra uma preocupação apenas com a identificação.

Ao revisarem os pronomes pessoais, os autores colocam duas frases: “**Eu e ele** fomos à praia”. “**Nós nos** encontramos na festa de aniversário” (COSTA et al., 2012, p. 56. Além de serem frases soltas, a preocupação delas é com a classificação em pronomes pessoais do caso reto e pronomes pessoais do caso oblíquo e a pessoa a quem eles se referem. Elas fazem referência também a pronomes reflexivos e reflexivos recíprocos também exemplificando-os através de frases. Não fazem referência às formas *a gente* e *você*. No livro do 6º ano, falam apenas sobre o pronome *você* e afirmam que, de acordo com a norma padrão *tu* e *você* podem ser usados, tomando cuidado, em situações formais, de não misturá-los. Acrescentam que, *você* corresponde à segunda pessoa, mas exige concordância em 3ª pessoa. Como os pronomes pessoais já foram vistos no 6º ano, elas poderiam ter aprofundado mais o estudo desses pronomes como, por exemplo, refletir sobre o uso de *nós* e *a gente* e também sobre as interpretações do plural *nós*, que “permite leituras interpretativas diversas que vão desde uma determinação precisa, como *eu + você* ou *eu + ele*, até um grau máximo de indeterminação e generalidade: *eu + todo mundo* ou *eu + qualquer um*” (LOPES, 2013, p. 114 grifos da autora).

Contrapondo a análise acima à luz dos estudos da gramática de usos, percebe-se que as autoras limitam o estudo dos pronomes na perspectiva normativa e não evidenciam os efetivos usos da categoria em questão. A gramática de uso da língua, a partir da qual Neves (2011) apresenta o pronome pessoal identificando a sua natureza fórica, visto que ele é “um elemento que tem como traço categorial a capacidade de fazer referência pessoal a uma pessoa ou coisa e a um dos interlocutores que pertence ao circuito de comunicação” (p.449-450). No que tange às formas pronominais *você/vocês*, a autora as aborda como segunda pessoa gramatical, respectivamente, do singular e do plural, que levam o verbo para a terceira pessoa; e afirmam que o emprego frequente dessas formas, especialmente na língua falada, mistura formas de referência de segunda e de terceira pessoa. Em relação ao sintagma nominal *a gente*, ela acrescenta que este é empregado como pronome pessoal ora para fazer referência à primeira pessoa do plural, ora para fazer referência genérica incluindo todas as pessoas do discurso, como pode ser observado em [1] Que tal *a gente* se encontrar lá na Beira Mar? (AGO) e [2] Nessas horas *a gente* não pensa em nada, perde a cabeça (AFA) (p.469). Ou seja, a categoria gramatical em questão apresenta variação de usos e essas informações não podem ser omitidas nas propostas de estudo e de atividades, mesmo que o LD não as apresente.

Os pronomes demonstrativos são revisados através da definição e de exemplos: “Estou cansada de todos **aqueles** rapazes esperando em nosso gramado.” e “**Este** livro é de poesia” (p. 57). No primeiro, elas falam que se trata de rapazes conhecidos e, no segundo, o pronome indica que o livro está perto de quem fala. Mas no livro do 6º ano, apresentam uma visão mais ampliada: mostram o demonstrativo para indicar a posição do ser no tempo, no espaço e também para retomar uma palavra ou frase mencionada anteriormente (referenciação anafórica), assim como para antecipar algo que será dito (referenciação catafórica), usando frases como exemplos.

Nos exercícios propostos após a revisão, a partir de uma letra de música, Costa et al (2012) mostram a mesma preocupação com a identificação dos pronomes, sua

classificação e a quem se referem. Em uma das questões, solicitam que o aluno substitua as palavras destacadas “a gente” e “Terra” por pronomes. Certamente esses pronomes são nós e ela, respectivamente. No entanto, em nenhum momento eles fazem referência à função do “a gente” como pronome, sua concordância, nem a que se refere. Nesse momento, caberia uma discussão sobre a definição tradicional que é dada a essa forma, segundo a qual “O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa” (BECHARA, 2009, p. 166). Levar o aluno a perceber o uso produtivo dessa forma pronominal em diversas situações de comunicação, discutir seu papel semântico que “pressupõe o ‘falante + alguém.’” (LOPES, 2013, p. 108). Segundo essa autora, “Mesmo entre falantes cultos que não costumam estabelecer a concordância de a gente com verbo em P4, verifica-se a interpretação semântica [+EU] presente em termos formais” (2013, p. 108).

Na seção “Os pronomes e a coesão”, os autores utilizam dois fragmentos da crônica “Ela”, de Luís Fernando Veríssimo, a fim de trabalhar o uso estratégico do pronome *ela* para se criar suspense em torno do que seria “ela”. Porém, de coesão só trabalha a identificação dos pronomes que se referem ao substantivo filho e a substituição do pronome *ela*, que se repete por palavras que identifiquem a que o narrador se refere. Pelo nome dado à seção, esperávamos que trabalhassem mais a questão da coesão por meio dos pronomes. Aqui, seria interessante o professor ampliar o estudo, utilizando textos produzidos pelos próprios alunos a fim de eles compreenderem a importância dos pronomes como elementos coesivos.

No caso dos possessivos, aborda-se apenas a noção de indicador de posse, função que nem sempre eles assumem. Já nos exercícios, eles exploram outros sentidos que os possessivos indicam como, afetividade, em “Minha amada imortal” e “Meus caros amigos” e vínculo, em “Meu tio matou um cara”. Acreditamos que eles deveriam ter discutido essas possibilidades quando da apresentação do conteúdo. Perde-se, assim, a oportunidade de proporcionar ao aluno um aprendizado mais efetivo da língua. Nesse enfoque, Neves (2011) afirma que os pronomes possessivos não expressam apenas relação de posse e que esta refere-se “a um dos resultados de sentido que o grupo formado pelo pronome + um substantivo pode apresentar” (p.476), pois as relações semânticas expressas pelo possessivo podem ser também de pertença, inclusão em um todo abrangente e de relação espacial.

Por fim, na seção “Língua viva”, os autores trabalham os pronomes e a ambiguidade a partir de uma piada, propondo exercícios em que os alunos são levados a identificar os termos responsáveis pela duplicidade de sentidos e em um item é proposta a reescrita de uma frase a fim de desfazer essa ambiguidade.

Acreditamos que os autores do livro poderiam ter explorado mais o trabalho com a funcionalidade dos pronomes em contextos discursivos reais e seu papel na construção dos textos, visto que Os Parâmetros Curriculares Nacionais asseguram que

No processo de análise linguística, espera-se que o aluno: i constitua um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento da linguagem e sobre o sistema linguístico relevantes para as práticas de escuta, leitura e produção de textos; ii aproprie-se dos instrumentos de natureza procedimental e conceitual necessários para a análise e reflexão linguística (delimitação e identificação de unidades, compreensão das relações estabelecidas entre as unidades e das funções discursivas associadas a elas no contexto); iii seja capaz de

verificar as regularidades das diferentes variedades do Português, reconhecendo os valores sociais nelas implicados e, conseqüentemente, o preconceito contra as formas populares em oposição às formas dos grupos socialmente favorecidos. (BRASIL, 1998, p. 52)

Sabemos da importância do estudo da gramática normativa, mas é preciso proporcionar aos alunos uma reflexão dos elementos linguísticos em situações reais de uso, apresentar-lhes a variação corrente e “ter em mente que um ensino mais produtivo da língua está vinculado ao conhecimento de como cada classe atua na organização e na produção de textos” (PINILLA, 2013, p. 181).

## **2. Estudo dos pronomes: uma abordagem a partir dos usos linguísticos e das relações de sentido**

O professor de língua não pode negar ou relegar a segundo plano a realidade da variação e da mudança linguística. Para isso, é preciso rever as práticas que desconsideram a língua contextualizada no seu uso. É muito mais proveitoso levar o aluno a perceber as inúmeras possibilidades linguísticas de uso dos pronomes em cada situação comunicativa do que somente treiná-lo para a classificação em enunciados fragmentados e descontextualizados. Não queremos dizer com isso que a classificação não seja importante, mas que é preciso ressignificar esse estudo. Com relação aos pronomes, é importante, além da classificação, partir para a unidade texto, mas não como pretexto para estabelecer classificações e subclassificações mecânicas. O texto deve ser tomado como unidade de sentido e o pronome deve ser estudado como um elemento fundamental na construção da tessitura textual, já que a gramática se efetiva no uso, nas situações de interação e na criação dos textos.

Os alunos precisam refletir sobre as escolhas dos falantes ou dos produtores de textos, observando quais os efeitos de sentido as escolhas por uma ou por outra forma pronominal poderiam propiciar naquele contexto de comunicação. O que corrobora a ideia de que a análise fragmentária e o puro exercício da metalinguagem distanciam-se do que é mais natural na língua, o seu uso nos mais diversos contextos de interação. Além disso, essa perspectiva somente classificatória não garante ao aluno o acesso às variedades prestigiadas, que segundo Faraco (2008, p. 170), “[...] não se dá por uma pedagogia concentrada no domínio de formas linguísticas, mas como subproduto de uma pedagogia articulada para garantir aos alunos a ampliação do seu letramento”. Um exemplo clássico dos prejuízos dessa fragmentação classificatória são os conceitos e exercícios que abordam os possessivos como “aqueles que dão ideia de posse”. Esses pronomes geralmente são destacados e classificados em enunciados soltos e descontextualizados, sem levar em consideração o seu importante papel nas relações de sentido entre os interlocutores ou participantes do discurso. Ao insistir nessa perspectiva conceitual de “ideia de posse” em fragmentos descontextualizados, perde-se a oportunidade de levar o aluno a compreender o papel desses pronomes na tessitura textual e suas relações entre as pessoas e os objetos do discurso.

Uma sugestão para ampliar a proposta do livro analisado seria uma abordagem a partir da perspectiva da referenciação, enfatizando as funções dos pronomes na construção das teias das relações de sentido. Faz-se importante conduzir o aluno a

perceber o papel dos pronomes na organização das informações, na recuperação das intenções comunicativas nos atos de fala e nas construções escritas. A partir desse enfoque o aluno será instigado a analisar o porquê das escolhas de cada interlocutor e perceberá que estas não são aleatórias, mas são estruturadas de acordo com os sentidos que se pretende alcançar. Aqui cabe destacar inúmeras possibilidades que se constroem com as anáforas pronominais: repetições, reiteraões, retomadas, recuperação de informações, identificação dos objetos do discurso etc. Tudo isso comprova a necessidade de explorar nas aulas de língua situações de usos variados, tanto na fala quanto na escrita, visto que “a única autoridade em língua é o uso, isto é, a maneira habitual, comum, corriqueira de falar ou de escrever” (FARACO, 2008, p.100). Dessa forma, é a partir dos usos e das situações comunicativas historicamente situadas que o ensino da gramática passa a ter sentido.

É bastante produtivo explorar a ocorrência das variantes da língua em diferentes contextos e situações de interlocução. Esse tipo de abordagem também permite ao aluno observar os fatores que condicionam as escolhas por uma ou outra variante em cada contexto comunicativo. Nessa perspectiva é importante apresentar ao aluno tanto o quadro do paradigma pronominal do LDP (baseado na gramática normativa) como o quadro do paradigma pronominal baseado nos usos linguísticos. Essa abordagem propiciaria discussões acerca das variedades linguísticas mais ou menos privilegiadas e da adequação da linguagem ao contexto comunicativo, enfatizando as múltiplas relações sociointerativas de que os falantes fazem parte.

Parece-nos válido explorar os pronomes por meio do envolvimento dos alunos em situações reais de comunicação em contextos diversos, oferecendo experiências frequentes com as várias faces da língua (a criação de um blog para fomentar as trocas dialógicas entre os participantes, aproveitando os próprios textos e comentários dos alunos para análises e atividades de reescrita; trabalhar com diversos gêneros levando o aluno a observar as especificidades da linguagem de cada um; atividades que envolvam oralidade etc.). Isso contribuiria para que o aluno desenvolvesse a capacidade de refletir sobre a língua nas diversas situações de uso, formais ou informais, orais ou escritas, ampliando conseqüentemente o seu repertório linguístico. No caso específico dos pronomes, a perspectiva de trabalho delineada anteriormente, possibilitaria ao aluno a compreensão das escolhas pronominais dos interlocutores, ilustraria as variações e os processos de mudanças em contextos comunicativos distintos, sem perder de vista a oportunidade de acesso aos padrões linguísticos privilegiados.

Acreditamos que tais sugestões podem de fato operacionalizar mais o uso do livro didático em sala de aula, uma vez que elas podem preencher as lacunas das abordagens e das atividades em relação à categoria gramatical em questão. Para tanto, torna-se imprescindível o olhar crítico e atento do professor.

### **3. Proposta de Intervenção**

O primeiro ponto da intervenção para tornar o LDP analisado mais operacionalizável é fazer um recorte do conteúdo estipulado para a unidade. Tendo em vista a necessidade de aprofundar as discussões sobre essa categoria, propor como recorte o estudo dos pronomes pessoais e possessivos e demonstrativos, reservando os demais para a unidade seguinte.

Após a definição de pronomes dada no livro didático, tendo por base um pequeno texto, discutir o conceito tradicional de que pronome é a palavra que substitui ou acompanha um nome, pois Benveniste assevera que

“os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos. Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos as “instâncias do discurso”, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor. (BENVENISTE, 1991, p. 277)

Não podemos definir os pronomes de forma única, como se todos fossem iguais, mas mostrar as especificidades que os diferenciam de outras classes gramaticais. Para tanto, partiremos do conceito de pronome apresentado por Lopes (2013, p. 106) que o vê como uma classe “[...] que se distinguiria semanticamente dos nomes pelo seu caráter indicativo ou mostrativo (dêitico), que se oporia ao caráter representativo (simbólico) da outra classe [...]”. Tomaremos por base na definição de pronomes o quadro de classificação proposto pela autora citada, considerando os três critérios de classificação: o mórfico, o semântico e o funcional. Segundo Lopes (2013), utilizar um ou outro critério não é suficiente para estabelecer diferenças entre as classes de palavras, definir cada uma a partir dos três critérios seria mais eficiente para estabelecer um conceito mais claro. A autora não nega a necessidade de se trabalhar também sob uma perspectiva descritiva, no entanto enfatizam a importância de vincular o ensino da língua ao conhecimento de como cada classe de palavras atua na produção de textos, o que resultaria em um ensino de língua mais produtivo.

Ampliar, também, a discussão sobre a questão de os pronomes substituírem nomes, deixando claro que essa ideia não se aplica a todos eles, uma vez que nem todo pronome pode substituir um nome, pois “formas pronominais que se caracterizam como determinantes, particularmente os possessivos, não podem substituir um nome” (LOPES, 2013, p. 107). Além disso, ressaltar que, às vezes, a substituição não é apenas de um nome, pode ser de um sintagma inteiro, bem como enfatizar que não são somente os pronomes que acompanham os nomes, há outras categorias gramaticais que também o fazem, mas que apenas os pronomes apresentam a noção de pessoa gramatical: 1ª pessoa (aquele que fala), 2ª pessoa (aquele que ouve) e a 3ª pessoa (a não-pessoa, de que se fala). Segundo Perini (1996, p. 330), “as propriedades de ‘substituir’ ou ‘acompanhar’ o substantivo não nos ajudam a delimitar a classe tradicional dos ‘pronomes’. Ou seja, essa classe não apresenta coerência sintática visível”, visto que, dependendo do pronome, este pode apresentar funções diferentes.

Outro ponto da intervenção configura-se na apresentação do quadro do novo paradigma pronominal a partir dos usos linguísticos, deixando claro que não se trata da mera substituição de um paradigma por outro, mas destacar a coexistência de variantes bastante produtivas que se empregam em contextos de usos distintos. Nesse ponto faz-se importante destacar as implicações da escolha por uma ou outra forma linguística.

#### Quadro da situação atual dos pronomes

<b>Pessoa</b>	<b>Pron. Suj.</b>	<b>Pron. Comp. Direto</b>	<b>Possessivos</b>
P1	eu	Me	meu/minha

P2	tu/você	te, lhe (se), você	teu/tua/seu/sua/de você
P3	ele/ela	o, a (se)/lhe/ele(a)	seu/sua/dele(a)
P4	nós/a gente	nos/a gente	nosso(a)/da gente
P5	vocês	vocês/lhes/se	seu(s)/sua(s)/de vocês
P6	eles/elas	os, as (se)/lhes/eles(as)	seu(s)/sua(s)/deles(as)

Fonte: Quadro utilizado na obra intitulada “**Ensino de Gramática**”, com o objetivo de demonstrar a situação atual dos pronomes e as correlações variáveis. (MENON apud VIERA, BRANDÃO, 2013, p.116).

Em relação às atividades propostas, a intervenção ocorrerá como ampliação das questões textuais do próprio LDP, enfatizando as relações de sentido que podem ser estabelecidas a partir dos pronomes. Parece-nos uma proposta viável, visto que os alunos já tiveram um primeiro contato com pronomes na série anterior. Aproveitando os diversos textos sugeridos nas atividades do próprio livro e as produções dos alunos, serão propostas aos alunos atividades que os levem a compreender o papel dos pronomes na tessitura textual.

### **Considerações finais**

É fundamental que o ensino de gramática tenha por parâmetros a heterogeneidade da língua e os usos historicamente situados em contextos comunicativos diversos. Importante também é levar o aluno a compreender o funcionamento da língua sem perder de vista a ideia de que é a gramática que rege os sentidos do texto. No entanto, essa perspectiva pressupõe uma atitude reflexiva do professor em relação em relação à sua prática e principalmente às suas concepções de língua, linguagem e gramática.

As análises aqui delineadas não negam que o LDP constitui-se um instrumento de grande valia nas aulas de português, desde que este não seja o único suporte de que dispõe o professor para desenvolver as suas práticas. Todavia, cabe também ao professor, como mediador do processo ensino aprendizagem, avaliar as contribuições desse suporte, refletindo sobre a qualidade e as potencialidades do material disponibilizado, interferindo, quando necessário, por meio de complementações ou ampliações, tornando assim mais operacionalizável esse recurso tão utilizado na sala de aula.

Nessa proposta, a ênfase recai sobre a necessidade de intervenção na abordagem do estudo dos pronomes, visto que, o livro didático analisado não destaca os usos linguísticos dessa categoria em contextos historicamente situados. Além disso, os conceitos e exercícios ignoram variedades consideradas muito produtivas tanto na fala como na escrita. Dessa forma, apresenta-se como alternativa, uma abordagem do conteúdo que tenha por base a heterogeneidade linguística e as relações de sentido que podem ser construídas com os pronomes. Para isso, sugere-se um recorte dos conteúdos e a apresentação do novo paradigma pronominal ancorado nos usos linguísticos, não como mera substituição de um paradigma por outro, mas como tentativa de reflexão sobre essa categoria gramatical em contextos de uso historicamente situados.

### **REFERÊNCIAS**



BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. revista, ampliada e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral I**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSTA, Cibele Lopresti (et al). **Para viver juntos: português**. 3. Ed. – São Paulo: Edições SM, 2012

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREITAG, Raquel Meister Ko e LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **Sociolinguística**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

LOPES, Célia Regina. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2013.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola**: norma e uso da língua portuguesa. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

\_\_\_\_\_ **Gramática de usos de português**. 2.ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1996.

PINILLA, Maria da Aparecida de. Classes de palavras. In: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2013.